

GRAMSCI: CONCEITOS BÁSICOS

Márcia Maria Ribera Lopes SPESSOTO¹
Simone Estigarribia de LIMA²

Resumo: Este estudo tem como intenção o entendimento de alguns conceitos de Antonio Gramsci. Para foi necessário considerar o momento histórico vivido, mesmo que o estudo não tenha apresentado de forma separada. Foi realizado um breve panorama bibliográfico do autor, pois acreditamos que a construção do sujeito intelectual se deu nas práticas de suas relações e suas teorias e conceitos emergiam dessa relação. Conhecer o legado de Gramsci intelectual, militante que abandonou a universidade por dificuldades financeira e passou maior parte da vida na prisão, não é tarefa simples, por isso enfatizamos que se trata de um estudo exploratório. Mesmo não sendo o objetivo, ficaram evidentes nas interpretações feitas desse autor, as aproximações e distanciamentos de Marx, teórico que mais o influenciou e podemos dizer que foi ponto de partida para o desenvolvimento de seus conceitos. A escolha dos conceitos escolhidos para serem trabalhados se deu pela sua recorrência nas obras analisadas, e deles se desdobram outros que transcendeu os limites deste trabalho. Embora tenhamos apresentado os conceitos separadamente por uma

questão pedagógica de entendimento, os conceitos gramscinianos são inter-relacionados e complementares.

Palavras-chave: Gramsci. Biografia. Conceitos gramscinianos.

GRAMSCI: BASIC CONCEPTS

Abstract: This study intends to understand some concepts by Antonio Gramsci. It was necessary to take into consideration the historical moment lived by him, even if the study has not presented it in a separate way. A brief panoramic bibliographical overview as for the author's life was presented since we believe that the construction of the intellectual subject happens in the practice of their relations and his theories emerged from these. Knowing Gramsci's intellectual legacy, militant that dropped off his university degree due to financial difficulties and spent most of his life in prison, is not an easy task. Hence, we emphasized that this is an exploratory study. Although the objective was not to show the proximity and distance with Marx, these were evident in the interpretations made by this author. Marx was a theorist who influenced Gramsci and we can say that he was the starting point for the development of Gramsci's concepts. The choice for the chosen concepts to be

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) de Dourados – MS, no curso de Enfermagem. E-mail: spessotommrl@gmail.com

² Pedagoga no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), *campus* de Dourados - MS. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: simoneestilima@gmail.com

worked on occurred owing to their reoccurrence in the pieces of work analyzed and from them there are others that are unfolded within the limits of this work. Although we have presented the concepts separately because of an understanding pedagogical matter, the Gramscian concepts are inter-related and complementary.

Keywords: Gramsci. Biography. Gramscian concepts.

1 Introdução

Em um golpe dentro do golpe, Mussolini derrubou a imunidade parlamentar no final de 1926, e perseguiu todos os contrários ao seu regime, entre eles Gramsci, que foi preso e condenado a mais de 20 anos de prisão. A partir daí, Gramsci escreve os Cadernos do Cárcere: 29 cadernos escolares com notas e quatro com exercícios de tradução. Até então, ele sabia que seus escritos eram compostos por artigos de jornal, informes políticos, discursos, ou seja, uma produção mais solta e circunstancial. Mas na prisão, em uma carta endereçada à sua cunhada, demonstra seu interesse em realizar uma obra mais duradoura (COUTINHO, 2007).

Até o ano de 1926, o caminho percorrido por Gramsci baseou-se, e

muito, em uma assimilação progressiva dos conceitos básicos de Lenin. Entretanto, ao amadurecer seus escritos percebidos através dos Cadernos do Cárcere, observamos que ele desenvolveu uma superação dialética de várias dessas ideias básicas. Ou seja, Gramsci não nega os posicionamentos do leninismo, mas mantém seu núcleo central, embora o desenvolva. Assim, para Gramsci, o leninismo e o marxismo não são um conjunto de conceitos e definições prontas, terminadas, mas são um método para a descoberta de novas determinações, por meio do desdobramento das antigas, que, sendo dialéticas, são passíveis de mudança histórica, necessitando assim, de uma evolução constante (COUTINHO, 2007).

Trabalhar com o teórico Antonio Gramsci, sem dúvida, é um desafio fascinante, tanto pelos conceitos cunhados por ele, quanto pelas inúmeras interpretações e contradições que são feitas de sua filosofia e suas obras. Para, além disso, destacamos Gramsci como intelectual e militante de seu tempo, que seguiu as matrizes do Marxismo e foi para além dele, ao considerar a

subjetividade e a importância dos sujeitos, transpôs o materialismo e foi considerado por muitos idealistas.

Este ensaio tem como intenção apresentar um pouco da vida desse intelectual Sardo, passando por questões pessoais, acadêmicas e de militância política, para posteriormente explanarmos conceitos como: Estado, Hegemonia, Sociedade Civil, Educação, Intelectual Orgânico e Vontade Coletiva. Por fim, tecemos breves considerações sobre o presente ensaio.

2 Gramsci: notas cronológicas de sua vida³

Nascido em 1891 em Ales (Sardenha), filho de Francesco e Giuseppina. Seu pai trabalha em um cartório. Gramsci era o quarto de sete filhos e tinha uma saúde muito frágil (déficit no crescimento e era corcunda). A princípio atribuíam-se seus problemas de saúde a um tombo ocorrido aos quatro anos de idade, contudo, pesquisas recentes indicam que se trata da doença de *Pott*, uma espécie de tuberculose

óssea, adquirida na infância, mas diagnosticada somente no cárcere.

Entre 1897 e 1898, o pai de Gramsci é afastado do emprego, preso e condenado. Sua mãe volta com os sete filhos a Ghilarza, sua cidade natal. Gramsci termina o ensino primário, mas pelas dificuldades econômicas, trabalha no cartório da cidade por dois anos, período em que realiza estudos em casa. Frequenta os três últimos anos do ginásio a 15 quilômetros da cidade onde reside. Seu irmão mais velho, que prestava serviço militar em Turim, enviava-lhe o jornal *Avanti!*, que fazia parte das suas leituras da imprensa comunista.

Os anos de 1908 a 1911 foram um período muito importante na vida de Gramsci, ele conclui o ginásio e ingressa no colegial. Para ajudar nos gastos com a escola, faz trabalhos de contabilidade e dá lições particulares. Passa a morar com seu irmão que, dentre as funções, foi secretário do Partido Socialista Italiano (PSI). Gramsci passa a frequentar o movimento socialista e a discutir os problemas econômicos e sociais,

³ Cronologia da vida. Da edição brasileira dos *Cadernos* – 1999. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Disponível em:

<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=123>

manifestando imenso orgulho regionalista. Em 1910, publica em *L'Unione Sarda* o seu primeiro artigo. Desse período também datam as primeiras leituras de Marx, feitas segundo Gramsci por curiosidade intelectual.

Em 1911, Gramsci ingressa na Faculdade de Letras com a ajuda de uma bolsa de estudos que consegue por meio de um concurso. Os primeiros meses na universidade foram muito difíceis financeiramente, pois vive isolado e tem esgotamento nervoso. Dedicase sobretudo a disciplinas nas Letras e no Direito, mas suas dificuldades financeiras não permitem que preste nenhum exame. Em 1915 tem aulas de filosofia teórica, presta exame de literatura italiana e depois disso abandona a Universidade. Em dezembro desse mesmo ano, é chamado a compor a redação turinense do *Avanti!*, o cotidiano do PSI. Profere conferências nos círculos operários de Turim, tratando de temas como Romain Rolland, a Comuna de Paris, a Revolução Francesa, Marx e outros.

Em 1917, quase todos os dirigentes socialistas de Turim foram

presos. Gramsci se torna secretário da Comissão Executiva Provisória da seção turinense do PSI e assume, de fato, a direção de *Il Grido del Popolo*, ao qual dedica, até outubro de 1918, todo seu tempo. Ainda nesse ano publica no *Avanti!* "A revolução contra *O Capital*". Nos meses seguintes, publica comentários, notícias e documentos sobre a revolução na Rússia e luta pela renovação ideológica e cultural do movimento socialista.

Em 1918, publica "O nosso Marx", para comemorar o centenário de Marx. No ano seguinte Gramsci, Tasca, Togliatti e Umberto Terracini decidem criar a revista *L'Ordine Nuovo* com o subtítulo Resenha semanal de cultura socialista. Ao lado do título, consta a seguinte palavra de ordem: "Instruí-vos, porque precisamos da vossa inteligência. Agitai-vos, porque precisamos do vosso entusiasmo. Organizai-vos, porque carecemos de toda a vossa força". Em maio, Gramsci é eleito para a Comissão Executiva turinense do PSI. Nesse mesmo ano, ficou preso por alguns dias.

Gramsci se candidata em 1921 a deputado pelo PCI na província de Turim, mas não é eleito. Em 1922 vai

para Moscou com graves problemas de saúde. No ano seguinte enquanto ainda está em Moscou, vários membros do Comitê Executivo do PCI foram presos na Itália. Uma ordem de prisão é emitida também contra Gramsci. Em 1923 Gramsci é transferido para Viena e passa a escrever usando o pseudônimo “G. Masci”. Em 1924 é eleito deputado pelo distrito do Vêneto, obtendo 1.856 votos dos 32.383 dados ao PCI. Em 1925 conhece em Roma, Tatiana, que o acompanhará até sua morte.

Em 8 de novembro de 1926 é preso mesmo tendo imunidade parlamentar, recolhido ao cárcere de Regina Coeli, em isolamento absoluto e rigoroso. Em 7 de dezembro, depois de passar por várias prisões, finalmente chega a “quinto dos confinados políticos”, na Ústica. Gramsci organiza uma escola para os confinados, junto com seus companheiros. Importante foi o contato que mantinha com seu amigo Piero Sraffa, que lhe enviava livros, sendo Tatiana responsável pela troca de cartas entre os amigos no período de cárcere.

Em 1927 Gramsci é transferido para Milão, passando antes por várias

prisões. “Em 9 de fevereiro, é interrogado pelo promotor Macis. É autorizado a ler alguns jornais e faz uma dupla assinatura na biblioteca da prisão, com direito a oito livros por semana. Recebe também livros e revistas de fora. Pode escrever duas cartas por semana”. Gramsci tem encontros frequentes com sua cunhada Tatiana e, nesse mesmo ano, toma conhecimento da doença nervosa de sua esposa, Julia.

Em 1928 Gramsci é alertado pelo promotor que amigos querem prejudicá-lo. Em 4 de junho Gramsci é condenado a 20 anos, 4 meses e 5 dias de reclusão. Em 19 de julho chega a Turi, onde recebe o número de matrícula 7047. Com a ajuda do irmão consegue ser transferido para uma cela individual e permissão para escrever. Ainda nesse ano tem crise de gota não conseguindo ficar em pé. Mantém encontros com Tatiana.

Em 1929 inicia traduções de livros e redige notas para aprofundamento. Em 1930 Gramsci se beneficia do indulto de 1 ano, 4 meses e 5 dias. Em 1931 tem sua primeira grande crise, mas somente em 1932 por intermédio de Tatiana, sua cunhada,

consegue ser visitado por um médico. Em 1933 tem a segunda crise e é assistido por um colega. Contudo lhe é retirado o direito de escrever. Em 25 de outubro de 1934, é promulgado o decreto que concede liberdade condicional a Gramsci. Dois dias depois, acompanhado por Tatiana, sai pela primeira vez da clínica Cusumano para passear pelas ruas de Formia, mas ainda sob vigilância policial. Sofre nova crise em 1935 e em 1936 retoma a correspondência com a mulher e os filhos. Em 1937 Gramsci retoma sua plena liberdade, mas por infelicidade tem um derrame cerebral e morre no início da manhã de 27 de abril desse mesmo ano.

É nesse contexto social e histórico que Gramsci cunha os conceitos de que tratamos a seguir.

3 O conceito ampliado de Estado

Esse conceito só poderia ser pensado por um homem que fazia suas reflexões na prática de seu cotidiano; Gramsci não foi um intelectual de “biblioteca”. Sua construção intelectual se dava nas relações de convergências e divergências que permeavam sua vida.

Gramsci estabelece de maneira inovadora o conceito da relação entre Estado e Sociedade, incluindo os aparelhos hegemônicos como parte do Estado, evitando tanto as velhas concepções social-democráticas quanto a teoria stalinista de Estado como força pura (MEDICI, 2007).

Contudo, é importante a distinção que Gramsci estabelece entre sociedade civil e sociedade política, pois é nesta última que consiste a definição estreita de Estado. Como destaca Macciocchi (1980, p. 150-151), “O Estado seria a sociedade política e representaria o momento da força e da coerção, enquanto a sociedade civil conformaria uma rede complexa de funções educativas e ideológicas”. Contudo, Gramsci unifica a concepção de Estado ampliando-o. Assim a sociedade civil também é parte constitutiva desse Estado e portanto também é Estado.

São muitas as interpretações feitas sobre as aproximações e distanciamentos entre Gramsci e Marx, sobre a teorização sobre o Estado e mais precisamente sobre sua extinção. Medici (2007, p. 38) aponta um distanciamento

das duas concepções referentes à extinção do Estado:

[...] alinho-me com aqueles estudiosos que acreditam não se encontrar nos *Quaderni* gramscianos a clássica proposta marxiana relativa à “extinção” do Estado. O Estado, para ele, permanece, porque, em primeiro lugar, Gramsci não adere à convicção de que, na sociedade comunista, tornar-se-á supérflua a função do político enquanto tal. Em segundo lugar, existe em Gramsci, freqüentemente de maneira implícita, mas algumas vezes explícita, a idéia da “vida estatal” como vida “ética”.

Diferentemente Carlos Nelson Coutinho, em seu livro, “Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político”, afirma que Gramsci parece estabelecer uma relação de continuidade/superação com os clássicos, destacando que isso só foi possível porque:

Gramsci teve a oportunidade de avaliar a experiência concreta da construção do Socialismo na União Soviética, quase quinze anos depois da Revolução de Outubro. Nesse sentido acredito que as notas de Gramsci a respeito [...] indicam uma clara discordância com os caminhos seguidos na URSS, após a virada de 1928-1929, ou seja após o fim da concepção gradualista e consensual de transição ao socialismo (COUTINHO, 2007, p. 136).

Coutinho (2007, p. 141) faz uma síntese do pensamento gramsciano destacando que nessa perspectiva são extintos os mecanismos do Estado-coerção, da sociedade política, conservando-se, entretanto os

organismos da sociedade civil. Enfatiza ainda que “O fim do Estado não implica nele a ideia – generosa, mas utópica – de uma sociedade sem governo”. Mas fundamentada em uma sociedade autorregulada e hegemônica.

4 Hegemonia em Gramsci

Hegemonia é um dos temas centrais no pensamento de Gramsci, e está implícito na necessidade histórica atribuída à classe proletária de se tornar dominante e dirigente. O objetivo central então é dominar sem violência, mas por meio do consenso nos campos, político, cultural, moral e até linguístico. Contudo, somente em 1926 é que a palavra hegemonia aparece nos escritos de Gramsci, antes suas obras eram permeadas por outras palavras como prestígio ou palavras que designassem a ideia de domínio, direção e consenso (JESUS, 1989, p. 34).

Hegemonia não é, portanto, ausência de poder ou de autoridade, pelo contrário esses elementos agem dialeticamente com o elemento de direção. Esses elementos não podem ser vistos separadamente, pois ambos significam aspectos diversos de uma

mesma realidade. Embora Gramsci conscientemente tenha predileção pela força diretiva (JESUS, 1989, p. 42).

Macciocchi (1980, p. 148) enfatiza que “Em ‘A questão meridional’, o princípio da hegemonia é definido com clareza exemplar e articula-se com a de ditadura do proletariado nas relações de direção e de dominação; a noção de hegemonia preside à gênese das alianças de classe[...]”. Para a autora, os conceitos de hegemonia e bloco histórico são inseparáveis, pois para Gramsci é no interior do bloco histórico que se realiza a hegemonia.

Em Gramsci portanto, o conceito de hegemonia é apresentado em toda sua plenitude, isto é, como uma ação que atinge não apenas a estrutura econômica e a organização política da sociedade, mas também age sobre o modo de pensar, de conhecer e sobre as orientações ideológicas e culturais (JESUS, 1989, p.42).

Não significa, porém, dizer que hegemonia é um consenso absoluto de uma ideia sobre as outras, mas sim um grupo de ideias que favorece um determinado interesse e passa a ser ouvida ganhando força, enquanto as outras ideias vão se retraindo. Ou seja, há lutas de hegemonias e o campo dessas

lutas é a sociedade civil. Vale ainda destacar, que a questão da ideia hegemônica pode emergir de qualquer classe, não estando atrelada à classe dominante.

Importante também foi a contribuição de Alves (2010), quando enfatiza que a hegemonia consiste na ampliação da base social da classe fundamental por meio de alianças e conquistas de outros grupos pelo consenso, enfatizando que os interesses desses grupos também precisam ser atendidos.

Como bem define Macciocchi (1980), a hegemonia é a parte visível do *iceberg*, encoberto está todo um corpo teórico-político reflexivo, que entrelaça todos os seus conceitos.

Para Gramsci, o Estado é a sociedade organizada de forma soberana. Entendemos a sociedade como uma organização constituída por instituições complexas, públicas e privadas, articuladas entre si. O papel histórico do Estado está intimamente ligado às relações de grupos de poderes que se articulam buscando a hegemonia.

5 Sociedade civil

Para Gramsci, a sociedade civil é composta por uma trama de interesses privados, os quais ele denomina de aparelhos privados de hegemonia. Ou seja, organismos ao qual a participação é voluntária, entenda-se “privada”, onde não há repressão para que se participe. Nesse ponto, a teoria ampliada de Estado de Gramsci inclui os “aparelhos privados de hegemonia”. Para Gramsci, esses aparelhos são instituições de legitimação do poder, como as escolas, Igreja, os sindicatos, os meios de comunicação, entre outros (COUTINHO, 2007).

Para Marx, essas instituições reproduziam mecanicamente a ideologia do Estado, mas para Gramsci, elas significavam a possibilidade de transformar a mentalidade das classes dominadas (FERRARI, 2011).

Dessa forma, o Estado para Gramsci, em sentido amplo, compreende duas partes principais:

- a sociedade política, que ele também denomina de Estado-coerção, “[...] que é formado pelo conjunto dos mecanismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio legal da repressão e da violência e que se identifica com os

aparelhos de coerção sob controle das burocracias executiva e policial-militar;

- a sociedade civil, formada precisamente pelo conjunto de organizações responsáveis pela elaboração e/ou difusão das ideologias, compreendendo o sistema escolar, as Igrejas, os partidos políticos, os sindicatos, as organizações profissionais, a organização material da cultura (revistas, jornais, editoras, meios de comunicação de massa, etc.)” (COUTINHO, 2007, p. 127).

A sociedade civil procura conseguir o consentimento dos governados, por meio de uma ideologia unificadora. A sociedade civil aliada à sociedade política exercem a persuasão e a repressão, assegurando a manutenção da estrutura de poder (o Estado) (CASTRO, RIOS, 2007).

Assim, as sociedades política e civil, exercem funções diferenciadas na organização da vida social, na articulação e reprodução das relações de poder. Sua associação forma o Estado: ditadura+hegemonia, ou, hegemonia protegida pela coerção. Dessa forma, ambas servem para conservar ou promover uma determinada base

econômica, a partir dos interesses de uma classe social fundamental.

Entretanto, o modo e a forma de conservar ou promover possui variações nas duas situações:

[...] no âmbito e através da sociedade civil, as classes buscam exercer sua hegemonia, ou seja, buscam ganhar aliados para suas posições mediante a direção política e o consenso; por meio da sociedade política, ao contrário, as classes exercem sempre uma ditadura, ou mais, precisamente, uma dominação mediante a coerção (p. 128).

Coutinho (2007) destaca que o Estado-nação sempre foi objeto de estudo e discussão dos autores clássicos. Entretanto, Gramsci concentra-se nas novas determinações descobertas por ele, denominadas sociedade civil. O autor continua afirmando que essas novidades colocadas por Gramsci não estão tão limitadas à questão da hegemonia, já citada por Lenin, mas que agora a hegemonia possui uma base material própria, com espaço autônomo e específico de manifestação.

Assim as duas esferas distinguem-se por uma materialidade (social-institucional) própria:

Enquanto a sociedade política tem seus portadores materiais nos aparelhos repressivos de Estado (controlados pelas burocracias executiva e policial-militar), os portadores materiais da sociedade civil

são os que Gramsci chama de “aparelhos privados de hegemonia”, ou seja, organismos sociais coletivos voluntários e relativamente autônomos em face da sociedade política. Gramsci registra aqui o fato novo de que a esfera ideológica, nas sociedades capitalistas avançadas, mais complexas, ganhou uma autonomia material (e não só funcional) em relação ao Estado em sentido restrito. Em outras palavras: a necessidade de conquistar o consenso ativo e organizado como base para a dominação – uma necessidade gerada pela ampliação da socialização da política – criou e/ou renovou determinadas objetivações ou instituições sociais, que passaram a funcionar como portadores materiais específicos (com estrutura e legalidade próprias) das relações sociais de hegemonia. É essa independência material – ao mesmo tempo base e resultado da autonomia relativa assumida agora pela figura social da hegemonia – que funda ontologicamente a sociedade civil como uma esfera própria, dotada de legalidade própria, e que funciona como mediação necessária entre a estrutura econômica e o Estado-coerção (COUTINHO, 2007, p. 128-129).

6 Vontade coletiva

O conceito de vontade coletiva já permeava as reflexões do jovem Gramsci sendo central na construção de uma ordem social. Contudo, em sua maturidade, é ele que vai aprofundar esse conceito, transpondo o objetivismo de Hegel e o subjetivismo de Rousseau com relação ao tema, o que se torna possível, em grande parte, por sua assimilação do materialismo histórico, que chamará de Filosofia da Práxis (COUTINHO, 2009).

Coutinho (2009) ressalta que Gramsci trata da vontade coletiva ou vontade coletiva nacional-popular, principalmente em seu *Caderno 13*, parágrafo 1, (um Texto C que retoma, sem alterações substanciais, no *Caderno 8*, parágrafo 21). Nesse momento Gramsci, analisando o papel do partido revolucionário na construção da vontade coletiva ressalta a dupla determinação da vontade. Como destaca Coutinho (2009, p. 35):

Assim só “em alguns aspectos” a vontade coletiva é “criação ex-novo”, já que ela é também, e ao mesmo tempo, “consciência operosa da ‘necessidade’ histórica.” Temos aqui a articulação dialética entre teleologia e causalidade, entre os momentos subjetivos e objetivos da práxis humana, da qual a vontade é momento ineliminável. A vontade coletiva que se torna “protagonista de um real e efetivo drama histórico” – ou seja, que se torna um momento ontologicamente constitutivo da realidade social – é aquela marcada por esta dupla determinação. É precisamente aqui onde me parece que Gramsci supera dialeticamente – no sentido de conservar, mas também de levar a um patamar superior – a concepção de vontade geral ou universal tanto de Rousseau quanto de Hegel. Não posso demonstrar “aqui” – mas seria fácil fazê-lo – que esta superação nasce a partir da assimilação gramsciana do legado de Marx.

Assim a vontade coletiva é para Gramsci elemento da democracia. Contudo nisso reside o lado negativo,

pois a falta dessa vontade resultaria em um despotismo burocrático, como pode ser percebido na passagem de Gramsci (2000b, p. 232) citado por Coutinho (2009, p. 37). “[...] a ausência de uma democracia real, de uma real vontade coletiva nacional e, portanto, em face dessa passividade dos indivíduos, a necessidade de um despotismo mais ou menos aberto da burocracia”.

A formação da vontade coletiva pode se dar também pela ação de um líder carismático. Contudo, essa relação é frágil. Gramsci tece críticas à teoria do líder carismático de Weber, estacando que a formação da vontade se daria pela espontaneidade e não pela direção consciente, enfatizando que na sociedade moderna o ator político não é mais o indivíduo e sim o partido político (COUTINHO, 2009).

Importante também salientar que a vontade coletiva de Gramsci aparece identificada com o tradicional conceito de soberania. Assim, a vontade coletiva transcende a vontade do indivíduo, como podemos ver nos escritos de Gramsci (2000a, p.298-299):

[...] 3) que nenhum legislador pode ser visto, como indivíduo, salvo

abstratamente e por comodidade de linguagem, porque, na realidade, expressa uma determinada vontade coletiva disposta a tornar efetiva a sua 'vontade', que só é 'vontade' porque a coletividade está disposta a dar-lhe efetividade; 4) que, portanto, qualquer indivíduo que prescindia de uma vontade coletiva e não procure criá-la, suscitá-la, ampliá-la, reforçá-la, organizá-la, é simplesmente um pretensioso, um 'profeta desarmado', um fogo-fátuo.

A inter-relação dos conceitos, característica dos escritos de Gramsci está presente também no conceito de vontade coletiva, que está estreitamente ligado ao de reforma intelectual e moral, ou seja, hegemonia. Assim, a importante tarefa dos partidos políticos na sociedade moderna é criar um terreno propício para a reforma intelectual e moral para o desenvolvimento de uma nova vontade coletiva nacional-popular (COUTINHO, p. 39).

7 A escola em Gramsci

Para Gramsci, hegemonia vai além do que a simples dominação de uma classe social sobre a outra, mas está relacionada à articulação entre força e consenso. A partir do consenso, pautado em uma ideologia majoritária na sociedade, assim como os aparatos ideológicos, uma classe chega ao poder,

sendo o poder a consequência da supremacia ideológica (SILVA, 2010).

Assim ocorrendo, haveria a necessidade da organização de um governo, por dirigentes do novo Estado Proletário. Nesse sentido, os estudos de Gramsci apontam para a relevância da escola e da cultura na preparação dos novos governantes. Sua preocupação era com a formação de pessoas com a visão mais ampla e complexa. Um dos termos utilizados por ele, é o "desinteressado", uma cultura desinteressada, escola e formação desinteressadas, que buscam refletir um horizonte mais amplo, de mais longo alcance, que se preocupa em responder ao interesse não apenas de indivíduos ou de pequenos grupos, mas que visa à contemplação dos interesses da coletividade e até da humanidade. A questão do trabalho também é entendida por Gramsci como ponto-chave, pois para ele, a cultura, a escola e a formação devem ser classistas, proletárias, voltadas ao Partido do trabalho (NOSELLA, 1992).

O Partido Socialista Italiano já se dedicava à discussão a respeito da cultura e da formação do proletariado. Gramsci defendia as atividades de

formação associadas às questões culturais para o proletariado, mas discordava da formação dentro de uma cultura abstrata e burguesa, enciclopédica, que confunde as mentes e dispersa a atenção dos trabalhadores. Em seu artigo “Socialismo e cultura”, ele define o conceito de cultura e afirma sua necessidade de difusão entre os trabalhadores (NOSELLA, 1992):

É preciso desacostumar-se e parar de conceber a cultura como saber enciclopédico, para a qual o homem é um recipiente a ser enchido e no qual devem ser depositados dados empíricos, fatos brutos e desarticulados [...] esta forma de cultura é realmente prejudicial para o proletariado.[...] a cultura é algo bem diferente. É organização, disciplina do próprio eu interior, é tomada de posse de sua própria personalidade, é conquistar uma consciência superior, através da qual consegue-se compreender seu próprio valor histórico, sua própria função na vida, seus direitos e seus deveres. Mas tudo isso não acontece por evolução espontânea...[...]. esta consciência não se forma pela força brutal das necessidades físicas, e sim pela reflexão inteligente, antes de alguns e em seguida de toda uma classe, sobre as razões de certo fatos e sobre os meios melhores para transformá-los de condição de servidão, em bandeira de revolta e de reconstrução social. Toda revolução foi precedida por um intenso trabalho de crítica, de penetração cultural, de difusão de ideias [...]. o mesmo fenômeno repete-se hoje para o socialismo (C.T. 28,29.01.1916).

Durante a 1ª Guerra Mundial o pensamento cultural e educativo de Gramsci será polêmico. Nesse período, o

Estado propõe uma escola vinculada ao trabalho. No entanto, para Gramsci, essa escola tinha um interesse escondido (em especial, no momento de fabricação de armas para a guerra), enquanto que, para o socialismo, a Escola do Trabalho deveria ser organizada de forma desinteressada. E fato interessante em sua obra é o de que Gramsci entende que os pobres precisam de educação em condições de igualdade, rejeitando qualquer rebaixamento cultural e escolar (NOSELLA, 1992).

Sendo o Partido uma grande escola que não pode se dissociar da prática de produção e organização da base. Deveria se construir, enquanto base, em fonte inspiradora e informativa. A escola do Partido deveria unificar os elementos positivos de educação advindos da prática produtiva, para formar o perfil da estrutura político-administrativa do novo Estado Socialista. Assim, ele não era contra as grandes empresas, mas acreditava que, no interior das grandes empresas, o homem se formava para uma nova sociedade socialista e era sua responsabilidade política, assumir a direção da fábrica, que historicamente já

lhe pertencia. No entanto, esse homem trabalhador precisava se preparar, se capacitar melhor, em meio ao próprio trabalho, e no Partido (NOSELLA, 1992).

Assim, as concepções gramscinianas a respeito da cultura se dão entrelaçadas às questões econômicas e políticas, pois ambas compõem a forma como as pessoas pensam, como a sociedade se organiza, enfim, na constituição do homem. Assim, as relações sociais são fruto de uma dialética, da maneira como a cultura influencia e se reflete nos indivíduos. Nesse sentido, uma verdadeira transformação social somente seria possível se houvesse também uma mudança cultural. Para Gramsci, a transformação cultural associada às mudanças na organização política possibilitaria a construção de uma nova ideia de compreensão de mundo, organizada de maneira a propor uma nova hegemonia (SILVA, 2010).

Um dos caminhos visualizados por Gramsci para essa transformação é a escola. No entanto, a escola deveria, por sua vez, também assumir nova postura,

deixando de ser classista e tornando-se uma escola única para todos.

No entanto, o formato de escola da época era baseado em classes. Assim, ele via a necessidade de acabar com a escola classista e criar uma escola única para todos. A proposta da escola única foi criada ainda durante a Revolução Francesa. Entretanto, suas bases para a continuação dos estudos avançados pautavam-se em “talentos” dos estudantes, enquanto a proposta gramsciniana entende que a escola única deve ser universal (SILVA, 2010).

Para Gramsci, o trabalho possui papel formador na concepção do homem, tendo a perspectiva de princípio educativo. O autor destaca que o homem requer uma série de habilidades para além das técnicas e da instrumentalização, como as de criação, compreensão, reflexão, reinvenção e crítica, além dos conhecimentos de fatos históricos possíveis de influenciar as relações sociais (SILVA, 2010). A combinação desses fatores deveria ser trabalhada na escola unitária (NOSELLA, 1992).

Para Gramsci, a escola unitária deveria corresponder às escolas

primárias e médias. Na última fase da escola unitária, deveria haver espaço para métodos criativos das ciências, de estudo e aprendizado, contribuindo para o desenvolvimento da responsabilidade autônoma, sendo uma escola criadora. Nessa escola criadora, o discente deve despender esforço espontâneo e autônomo, sendo o professor apenas um “guia amigável” (p. 124), permitindo que o discente descubra por si mesmo um fato verdadeiro, o que demonstra sua maturidade intelectual e a posse do método para descoberta de novas verdades (GRAMSCI, 1991).

8 O intelectual orgânico

Gramsci (1991) aponta que todos os homens são intelectuais, mas que nem todos desempenham essa função na sociedade. Para ele, todo homem, mesmo que trabalhe apenas na indústria, utiliza os mecanismos intelectuais para o desenvolvimento de seu trabalho, bem como em outro espaço que não seja o da profissão, pois esse homem possui gosto, é um artista, um “filósofo”, possui e participa de uma concepção de mundo, desenvolve uma conduta moral consciente, contribuindo para manter ou

transformar formas de pensar em uma determinada concepção de mundo.

Todo indivíduo possui uma atividade intelectual, constituída em diferentes graus de desenvolvimento para cada um, que deve receber uma formação crítica, reestruturada de forma a criar uma “nova camada intelectual”. O novo intelectual do mundo moderno deve ser constituído pela educação técnica intimamente relacionada ao trabalho industrial. E o local para a elaboração desses intelectuais é a escola (GRAMSCI, 1991).

A partir da escola unitária, que preparasse o indivíduo e desenvolvesse nele os aspectos críticos, reflexivos e políticos, o proletariado estaria instrumentalizado para alcançar o pilar central de sustentação deste novo bloco histórico: a hegemonia. Para isso, era imprescindível o papel dos intelectuais orgânicos, que seriam os sujeitos da ação na disseminação e implantação de valores, ideias e interesses (SILVA, 2010).

Gramsci, entende os intelectuais orgânicos como sujeitos inseridos no âmbito do trabalho, da economia e da política, desenvolvendo funções

estratégicas em determinado grupo social (SILVA, 2010). Diferentes dos intelectuais tradicionais, que se constituíram através de sua história com a cultura e pouco sob a relação da produção econômica e política, os intelectuais orgânicos encontram-se no mundo material, organizando-se a partir das necessidades da ótica da produção, da política e da via material (LAHUERTA, 1998).

Assim, o intelectual orgânico denominado por Gramsci seria o promotor e divulgador das ideias e concepções de uma nova ideologia (para todos, inclusive os intelectuais tradicionais), que alicerça a hegemonia dessa nova sociedade no alcance do poder (SILVA, 2010).

Compreende-se, dessa forma, a relevância adquirida na obra de Gramsci pelas questões da formação intelectual e pedagógica. Em especial, quando os professores através de sua atuação, constituem-se enquanto intelectuais orgânicos, na medida em que difundem as ideias de uma nova concepção de homem e sociedade, envolvendo uma grande transformação, pautados em um

intenso e lógico projeto de educação (SILVA, 2010).

9 Considerações Finais

O presente estudo evidenciou o complexo pensamento de Gramsci, seus direcionamentos intelectuais e políticos, seus descontentamentos e a busca de uma nova ordem social. Com base fortemente marxista, transcendeu-a em muitos de seus conceitos, principalmente os referentes ao conceito de Estado e de Hegemonia.

Podemos dizer que Gramsci propunha uma revolução pacífica e gradativa, contando para isso com a hegemonia. Contudo afirmava que só poderia haver uma revolução se a sociedade civil fosse extremamente forte. Para isso seria preciso o nascimento de um novo homem.

O novo homem proposto por Gramsci, autônomo, consciente, crítico, que desenvolveu as ferramentas para organizar novas possibilidades e condições necessárias para a mudança de uma sociedade estratificada para uma nova ordem econômica e política livre de desigualdades. Assim, é imprescindível o alcance da hegemonia, por meio da

educação e da cultura, disseminado pelo intelectual e associado ao trabalho.

(SILVA, 2010).

Referências

ALVES, A.R.C. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. *Lua Nova*, São Paulo, 80: 71-96, 2010.

CASTRO, M. C. RIOS, V. L. Escola e educação em Gramsci. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, v. 7, n. 3, p. 221-228, 2007. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/187/172>. Acesso em 16 nov. 2014.

COUTINHO, C. N. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Nova edição ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COUTINHO, C. N. O conceito de vontade coletiva em Gramsci. *Rev. Katál.* Florianópolis v. 12 n. 1 p. 32-40 jan./jun. 2009.

FERRARI, M. *Antonio Gramsci*. 2011. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/antonio-gramsci-307895.shtml>. Acesso em 16 nov. 2014.

GRAMSCI, A. trad. Carlos Nelson Coutinho. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 8ª ed. 1991.

JESUS, Antonio Tavares de. *Educação e Hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci*. São Paulo: Cortez, 1989.

LAHUERTA, M. Gramsci e os intelectuais: entre clérigos, populistas e revolucionários (modernização e anticapitalismo). In: AGGIO, A. *Gramsci: a vitalidade de um pensamento*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.

MACCIOCCI, Maria-Antonietta. *A favor de Gramsci*. Trad. Angelina Peralva. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MEDICI, Rita. Gramsci e o Estado: para uma releitura do problema. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 29, p. 31-43, nov. 2007.

NOSELLA, P. *A escola de Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.

SILVA, D. R. *Intelectuais, cultura e escola única no pensamento político-pedagógico de Antonio Gramsci*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo. 2010

Recebido em: 17 de maio de 2016
Aceito em: 23 de maio de 2016